

## CENÁRIOS DE PÓS-DESENVOLVIMENTO: Como se adaptar às Crises Decorrentes da Covid-19?

**Post development scenarios: How to adapt to the crisis arising from Covid-19?**

PAPIN LEAL, Helia Christina<sup>1</sup>

LYRIO, Mariana<sup>2</sup>

ALFINITO, Solange<sup>3</sup>

### Resumo:

O contexto de pandemia de Covid-19 resulta em uma crise multidimensional – sanitária, econômica, política, social e ecológica – ressaltando a necessidade de observar a capacidade de adaptação do modelo vigente e as oportunidades de transição para um pós-desenvolvimento. Logo, propõe-se despertar uma reflexão sobre alternativas de pós-desenvolvimento frente ao contexto de pandemia. Aborda-se as crises ligadas à Covid-19 e três modelos – capitalismo, desenvolvimento sustentável e decrescimento – para embasar a análise dos cenários de pós-desenvolvimento. Observou-se que o capitalismo, sistema baseado no ideal de crescimento, é seriamente vulnerável à recessão engendrada pela crise multidimensional. No tocante do desenvolvimento sustentável notou-se um paradoxo entre a restrição de recursos naturais e o aumento do crescimento econômico. Conclui-se que, face aos imperativos ecológicos e à deficiência do sistema atual para suprir necessidades básicas coletivas, o modelo de decrescimento propõe ser, comparativamente, uma alternativa de pós-desenvolvimento resiliente às crises social, sanitária, econômica e ecológica.

**Palavras-chave:** Capitalismo; Cenários; Covid-19; Decrescimento; Pós-desenvolvimento.

---

<sup>1</sup> Bacharel em Administração pela Universidade de Brasília, Departamento de Administração. MBA em Gestão Empresarial pela Fundação Getúlio Vargas. <http://orcid.org/0000-0003-4881-8840-heliachristinapapin@gmail.com>

<sup>2</sup> Bacharel em Comunicação pelo Centro Universitário de Brasília, UniCEUB, com MBA em Relações Internacionais pela Fundação Getúlio Vargas. Consultora de sustentabilidade na BMJ Consultores Associados. <http://orcid.org/0000-0003-1867-0021-maslyrio@gmail.com>

<sup>3</sup> Professora associada no Departamento de Administração da Universidade de Brasília - UnB e pesquisadora credenciada ao Programa de Pós-Graduação em Administração da UnB. Doutora em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações pela Universidade de Brasília. Líder do Conscient – Laboratório de Estudos em Consumo Sustentável (UnB). Uma das coordenadoras da SCORAI Brazil – Sustainable Consumption Research, Action and Initiative no Brasil. <http://orcid.org/0000-0001-6235-7564-salfinito@unb.br>

Enviado em: 01 Nov 2020. | Aceito em: 16 Dez 2021

REALIS | Digital Object Identifier (DOI): 10.51359/2179-7501.2021.248741



Este trabalho está licenciado sob uma [Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/).

**Abstract:**

The context of the Covid-19 pandemic results in a multidimensional crisis - sanitary, economic, political, social, and ecological - highlighting the need to observe the capacity of adaptation of the current model and the opportunities of the transition to a post-development scenario. Therefore, the article proposes a reflection on post-development alternatives in the context of the pandemic. We explore the crises linked to Covid-19 and three models - capitalism, sustainable development, and degrowth - to underpin the analysis of post-development scenarios. The article observes that capitalism is vulnerable to the recession engendered by the multidimensional crisis. Concerning sustainable development, a paradox was perceived between the restriction of natural resources and the increase in economic growth. The conclusion is that, given the ecological imperatives and the deficiencies of the current system, the degrowth model proposes to be an alternative resilient to social, health economic, and ecological crises.

**Keywords:** Capitalism; Covid-19; Degrowth; Post-development; Scenarios.

## 1. Introdução

A atual pandemia por Covid-19, a qual engendra as atuais crises sanitária, econômica, política, social e ecológica, apressa a necessidade de reflexões acerca da resiliência do modelo vigente diante deste cenário. Em vista do aumento da desigualdade social e do aceleramento do esgotamento de recursos naturais, é de grande relevância estudar modelos de desenvolvimento que não sejam fundamentados no ideal do crescimento. Assim, dentre as atuais alternativas de pós-desenvolvimento, qual seria a mais resiliente diante das crises engendradas pela pandemia por Covid-19? Assim sendo, o objetivo deste artigo é despertar uma reflexão sobre alternativas de pós-desenvolvimento frente ao contexto mundial vivenciado na pandemia por Covid-19.

Para o alcance deste objetivo, primeiramente foi revisada a literatura sobre a origem da Covid-19 e, subsequentemente, sobre as crises – sanitária, econômica, política, social e ecológica – decorrentes da atual pandemia. Em seguida, são discutidas oportunidades para uma transição em direção de um pós-desenvolvimento; aprofundados três cenários de pós-desenvolvimento: o capitalismo (baseado no ideal de crescimento); o desenvolvimento sustentável; e o decrescimento. Por fim, os cenários de pós-desenvolvimento são analisados, levando em consideração os imperativos ecológicos, as limitações dos recursos naturais, as crises decorrentes da pandemia de coronavírus e a deficiência do sistema vigente para suprir as necessidades coletivas primordiais.

## **2. Covid-19**

### **2.1 Origem**

A pandemia por Covid-19 mexeu nas estruturas da sociedade e, conseqüentemente, trouxe diversas reflexões. A principal delas envolve reconsiderar a interação humana com o ecossistema. A pandemia foi inesperada, contudo, previsível (Global Trends 2025, 2008), ou mesmo apontada como risco mundial iminente (Gates, 2015). Múltiplas epidemias recentes compuseram um prelúdio ao Covid-19 (e.g., SARS em 2002, gripe aviária em 2003, H1N1 em 2009, MERS em 2012, Ebola em 2013), mas não atenuaram o ceticismo dominante (Larson, 2018).

No intuito de encontrar a origem do Covid-19, mais de 1.000 cientistas, provenientes de áreas e disciplinas distintas, desenvolveram estudos que apontam, de maneira unânime, que o sistema agrícola contemporâneo e a globalização são os principais responsáveis pelo desencadeamento e pela propagação da pandemia (Mas-Coma et al., 2020). De acordo com este conjunto de estudos, o aumento ininterrupto do desmatamento por todo o planeta resulta na destruição de inúmeros habitats naturais, obrigando as espécies silvestres que ali viviam a procurar refúgio em espaços urbanos onde encontram-se em contato com animais domesticados pelo Homo Sapiens (Priour, 2020). No caso do Covid-19, a zoonose foi transmitida por animais selvagens aos animais domésticos na cidade de Wuhan na China (espaço urbano) em dezembro de 2019 (Maxwell et al., 2020).

As escolhas de desenvolvimento econômico das sociedades, tal qual a comodificação da vida selvagem (Smith, 2020), o aumento excessivo do desmatamento, das minerações e das exportações globalizadas, favorece consideravelmente a contaminação das pessoas por doenças (Allen et al., 2017). Segundo Morand (2016), a domesticação dos animais é um dos principais motivos do aumento quantitativo de doenças infecciosas. É incontestável inferir que cada ação tem repercussões em cadeia sobre o ecossistema, apesar do sistema terrestre ser extremamente complexo (Allen et al., 2017). Assim, a pandemia por Covid-19 envolve não apenas uma consequência biológica, mas também um efeito social que reside na sociedade e sua organização (Horton, 2020).

O atual modelo de desenvolvimento econômico provoca mudanças demográficas e antropogênicas, que acarretam a emergência de doenças infecciosas (Jones et al., 2008). A crise sanitária mundial por Covid-19 evidencia a importância social da qualidade dos profissionais de diversas áreas e setores tais quais: saneamento, energia, alimentício, distribuição, pesquisa e desenvolvimento. Envolve um enfoque sistêmico para ser possível lidar com as consequências da pandemia, com inúmeras pessoas, organizações e governos engajados em um esforço intenso, coletivo e solidário voltado para a saúde e o bem comum (Zhang et al., 2020).

Uma das repercussões provocadas pela pandemia foi a mudança radical do modo de vida das pessoas, com o isolamento social, por exemplo. Entre os diversos efeitos da quarentena, foi percebida a redução das poluições sonora e do ar, sendo estes apenas alguns dos múltiplos resultados positivos do decréscimo involuntário sobre o ecossistema trazido pela pandemia (Kallis et al., 2020).

Segundo Latouche (2020), as crises decorrentes dos impactos da Covid-19 abalam ainda mais nossa sociedade visto que esta é fundamentada em frágeis sistemas – econômico, financeiro, político, entre outros. Passa a ser coerente retratar a pandemia como prova dos limites do crescimento (Kallis et al., 2020). No próximo tópico, serão exploradas as diversas crises advindas da pandemia por Covid-19.

## **2.2 Crises decorrentes**

A crise gerada pela pandemia é multidimensional abrangendo os âmbitos sanitário, econômico, político, social e ecológico (Prieur, 2020). Até o mês de outubro de 2020, foram identificadas mais de 34 milhões de pessoas contaminadas por Covid-19 e, dentre estas, mais de um milhão de pessoas faleceram, das quais mais de 145 mil são brasileiras (OMS, 2020). Isso sem considerar a chamada segunda onda da pandemia, que já assola diversos países da Europa. Trata-se de uma crise que depende de cooperação estreita entre Governos e sociedade (OMS, 2020).

A pandemia mostrou a fragilidade dos sistemas de saúde em diversos países, sendo constatada a dificuldade em responder às emergências de saúde ocasionadas pelo Covid-19 e a penúria de materiais médicos e de proteção para os profissionais de saúde (ONU, 2020). Vários países, no intuito de desacelerar a propagação da doença e não sobrecarregar os sistemas de saúde, fecharam suas fronteiras, limitaram as viagens internas, suspenderam toda forma de ensino presencial, cancelaram os agrupamentos de

pessoas (eventos culturais, esportivos, etc.), encorajaram a população ao isolamento social, à fabricação e uso de máscaras locais, uso de álcool gel e à realização do maior número possível de testes para a detecção do sars-cov-2 (ONU, 2020).

Percebe-se que houve uma reconversão massiva das indústrias nacionais com propósito de suprir a necessidade de recursos materiais sanitários, medida que reorienta a economia em direção a uma autossuficiência de produtos considerados essenciais (Blit, 2020). Posto que a quase totalidade dos produtos essenciais para reduzir a quantidade de pessoas infectadas e o número de óbitos são fabricados a partir de matéria plástica. Nota-se, ainda, um crescimento rápido e inevitável da utilização de plástico para fins descartáveis, agravando a crise ambiental. Isso gera a necessidade de definir setores prioritários para o uso de recursos oriundos de plástico decrescendo a quantidade de plástico empregada em outros setores (Klemeš et al., 2020).

A sobrecarga dos sistemas de saúde e as medidas de isolamento social, trouxeram impactos negativos para a economia mundial. A particularidade da crise econômica originada pela pandemia é o fato desta suceder tanto de um choque de demanda quanto de um choque de oferta (del Rio-Chanona et al., 2020). Além das indústrias terem diminuído drasticamente o ritmo de produção, do aumento da volatilidade da bolsa, dos comércios terem fechado, do aumento do desemprego e do consumo ter baixado em aproximadamente 35% no mundo, foi estimado que o impacto de um mês de quarentena sobre a economia resultaria em uma queda de 3% no PIB (Insee, 2020). Tal situação é inédita e desestabilizante, tendo em vista que a sociedade está organizada em torno do objetivo de crescimento desde o final da Segunda Guerra mundial, isto é, há mais de 75 anos (Murshed, 2020).

Latouche (2020) indica que as previsões econômicas de crescimento estão em baixa, podendo averiguar menos de um ponto percentual de crescimento em 2020. Esta conjuntura provém, entre outros, do fechamento de múltiplas fronteiras, da desaceleração da atividade econômica da China. Segundo o autor, levando em consideração que a China é o país que mais exporta, observa-se no contexto de pandemia uma ameaça de penúria de produtos relativos à saúde como máscaras, remédios, respiradores, etc.

O impacto na economia e o esgotamento da era do crescimento econômico, devido

ao decréscimo do consumo e da produtividade, trazem oportunidades para reestruturar diversos setores, por exemplo, encorajando o teletrabalho (Carranza et al., 2020). Evidentemente, tais medidas tomadas ao longo da crise atual, afetam diretamente todos os cidadãos a nível sociocultural (Giallonardo et al., 2020). Ao longo da pandemia, declarada em março de 2020 pela OMS, todos os países adotaram – em períodos e intensidades distintas – o isolamento social, no propósito de evitar a propagação do vírus e a sobrecarga dos sistemas de saúde (OMS, 2020). Portanto, nota-se que as mudanças do modo de vida resultam, em grande parte, da crise sanitária (Latouche, 2020). Por sua vez, a crise social tem um impacto considerável sobre as prestações de serviços presenciais, evidenciando os setores indispensáveis à sociedade: saúde, alimentos, saneamento, redes elétricas, educação, entre outros (Prieur, 2020).

Tendo em vista que, até antes da pandemia, o consumo global era três vezes maior em relação ao consumo da década de 1960, o fechamento dos comércios e o isolamento social foram dois fatores que ocasionaram grandes mudanças comportamentais insólitas da parte dos consumidores (Giallonardo et al., 2020). Perante a crise, uma sobriedade no cotidiano se organiza, implicando um modo de vida menos desigual e menos móvel, contudo, viver sobriamente não é totalmente desprovido de conforto apesar de haver uma redução do consumo aos produtos essenciais – alimentos, medicamentos, etc. – (del Rio-Chanona et. al, 2020). Consequentemente, constata-se uma interrupção abrupta do consumerismo desenfreado, desestimulando a produção de produtos e tecnologias supérfluas como o carro autônomo e a internet 5G (Sarkis et al., 2020), por exemplo.

As mudanças no modo de vida, acompanhadas da restrição do consumo e da reavaliação da organização da sociedade abrem espaço para implementar medidas coletivas em direção de uma transição social e ecológica compatível com as limitações do ecossistema (Sarkis et al., 2020). Como citado anteriormente, uma das medidas de fácil execução na maior parte das profissões é o teletrabalho que, além de reduzir consideravelmente a emissão de CO<sub>2</sub>, leva ao aumento da produtividade, à diminuição do tempo de locomoção e à redução de gastos financeiros (Carranza et al., 2020).

Nota-se que a resiliência é uma das principais características necessárias para adaptar-se aos diversos desequilíbrios decorrentes da crise, tanto a nível organizacional, individual e governamental (Prieur, 2020). A crise do coronavírus não permaneceu apenas no campo social e sanitário, mas adentrou, rapidamente, a esfera política. Nota-se

principalmente no discurso de governantes, no debate ideológico do uso da máscara e na corrida mundial pela vacina.

Além disso, é motivo de embate político entre as duas grandes potências mundiais, a China e os Estados Unidos. O conflito teria se iniciado em janeiro de 2020, quando o senador americano Tom Cotton insinuou, em suas mídias sociais, que o vírus poderia ter saído de uma fábrica em Wuhan (Think Global Health, 2020). Desde então, autoridades chinesas têm afirmado que o primeiro caso de COVID-19 pode ter surgido nos Estados Unidos e o país norte americano vem culpabilizando a China pela propagação da pandemia. O embate agravou quando o Secretário de Estado dos Estados Unidos, Mike Pompeo, usou o termo “Wuhan” para descrever o vírus (Think Global Health, 2020). Na prática se tornou comum com o presidente republicano estadunidense, que usa constantemente o termo “vírus chinês” (Singh, 2020).

Até o presente momento, os líderes dos países que contabilizam o maior número de óbitos no mundo – Estados Unidos da América (EUA), Brasil e Índia – adotam um discurso negacionista em relação à crise sanitária, afirmando que a doença não afeta praticamente ninguém (Bloomberg Opinion, 2020). O debate sobre o uso da máscara se tornou político. Apesar da Organização Mundial da Saúde (OMS) aconselhar o uso de máscaras em locais públicos (BBC, 2020), o governo dos EUA não decretou uma obrigação federal sobre o uso de máscara. No Brasil, houve duas trocas de Ministro da Saúde durante a pandemia e as recomendações relacionadas aos cuidados sanitários provenientes do governo foram discordantes com as da OMS, resultando em um embate entre o presidente e governadores dos estados, que adotaram medidas mais rígidas de isolamento social (Kibuuka, 2020). Na Índia, destaca-se que o governo negou a força da “transmissão comunitária” da COVID-19, divulgando dados considerados confusos por especialistas e médicos, enfermeiros e jornalistas acusam o governo de terem sido reprimidos (Scientific American, 2020). Dessa forma, a crise sai da esfera sanitária e adentra o campo político.

A OMS determina que “os governos têm uma responsabilidade pela saúde de seu povo; eles só podem cumprir essa responsabilidade tomando as medidas sociais e de saúde apropriadas (OMS, 1985). Por fim, ainda não há uma vacina disponível, mas já existe um embate entre os países para conseguir as vacinas primeiro. Os Estados Unidos e a União Européia parecem liderar a corrida (Torreele, 2020). Com isso, a crise política relacionada à COVID-19 pode se agravar e os países menos privilegiados tendem a ser os

mais prejudicados.

Quanto à crise ambiental, um dos elementos ambientais mais marcantes da pandemia foi o uso crescente de plástico. É um material que se tornou necessário por ser descartável, acessível e higiênico. Apesar de sua importância no combate ao coronavírus, estima-se que a Covid-19 tenha desencadado o consumo de 129 bilhões de máscaras faciais e 65 bilhões de luvas por mês no mundo todo (Prata et al., 2020). Ademais, o isolamento social acarretou o aumento do sistema de *delivery* e *take-out*. Isso contribuiu para o grave e crescente montante de plástico de uso único no mundo, que não é reciclável (Higgins-Desbiolles, 2020).

### **2.3 Benefícios e oportunidades**

Os impactos da pandemia de coronavírus sobre a sociedade acarretaram uma quebra de paradigmas. Segundo Latour (2020), o mundo parou, mas a desaceleração das atividades em todo mundo, em resposta à pandemia, mostrou que é possível e factível repensar o ritmo da econômico no propósito de refrear os efeitos da crise climática.

Devido ao isolamento social, o uso de transportes caiu drasticamente. Dados na Administração Nacional de Aeronáutica e Espaço (NASA) dos Estados Unidos demonstram que a poluição do ar por dióxido de nitrogênio no nordeste dos EUA diminuiu 30% em março de 2020, em comparação com o mesmo período de 2019, após a adoção do isolamento social (NASA, 2020), por exemplo.

Diante de um mundo VUCA – volátil, incerto (uncertain), complexo e ambíguo – e com sistemas sanitário, econômico e ecológico extremamente vulneráveis, é necessário adaptar as estratégias ao contexto (Bennett & Lemoine, 2014) e repensar o sistema produtivo de modo que este seja mais solidário, menos perigoso e menos predatório (Latour, 2020). Assim, observa-se a necessidade de promover modelos mais justos, equilibrados e resilientes. Alguns sistemas alimentares, por exemplo (i.e., Comunidade que Sustenta a Agricultura, clubes de compras sustentáveis), têm se mostrado mais resilientes – desenvolvendo mecanismos e modelos de negócios fundados sobre o tripé da sustentabilidade, e que tendem a transpor às crises adequando as suas formas de produção, distribuição e consumo ao contexto vigente (Lopes et al., 2020).

O horizonte de alternativas parece ter se expandido e alternativas que eram entendidas como utópicas se tornaram factíveis. Isso levanta um entendimento de que a

sociedade deve aproveitar este momento de crise para organizar o decrescimento ao invés de aturar a recessão (Smith, 2020). A fim de emergir da crise social e evitar futuras crises sanitárias e econômicas, é imperioso desacelerar o ritmo de produção (Carranza et al., 2020), reconsiderar a interação das sociedades com a natureza (Schmid, 2020), reorganizar a sociedade sobre a premissa de que o ecossistema – do qual são extraídos os recursos para a produção de produtos e serviços essenciais aos modos de vida contemporâneos – é limitado e finito (Latouche, 2010).

A atual pandemia é uma ruptura histórica que instaura um espaço de reflexão acerca de como as sociedades podem se organizar coletivamente para levar adiante alternativas de modos de vida (Kallis et al., 2020). Consiste em uma oportunidade para iniciar mudanças fundamentais na organização das sociedades ao invés de empenhar-se obcecadamente em voltar à potência máxima da máquina de crescimento (Sandifer, 2015). **Este é o momento de buscar emergir da crise, propondo soluções efetivas e justas, assim como medidas de autossuficiência** (Defarges, 2020).

O contexto permite que o futuro seja reimaginado, logo, três cenários de pós-desenvolvimento são analisados e relacionados às necessidades percebidas no contexto mundial atual (Defarges, 2020). Diversas correntes da economia têm sido desenvolvidas, dentre elas, serão abordadas: o capitalismo, o desenvolvimento sustentável e o decrescimento.

### **3. Cenários de pós-desenvolvimento**

#### **3.1 Capitalismo: evolução e fragilidades**

Fundamentadas na busca do aumento de lucro, na acumulação de capital e na propriedade privada dos meios de produção, a partir do século XV, a maioria das sociedades passaram a se organizar sobre um sistema capitalista, substituindo o sistema feudal que o precedia (Wood, 2002). Após o fim da segunda guerra mundial, inicia-se a fase de capitalismo financeiro, baseado no sistema de preços, nos mercados competitivos, no monopólio financeiro, nas leis dos bancos e nas empresas multinacionais (Wood, 2002).

**Após a instauração da agricultura industrial, notou-se um crescimento**

**inédito do PIB e, junto a este, o aumento acentuado dos impactos negativos sobre o ecossistema (e.g., crescimento de emissões de gases de efeito de estufa, aumento da poluição das águas com pesticidas, plástico, etc., aumento da utilização de recursos naturais e o aumento da quantidade de espécies ameaçadas de extinção)** (Giraud et al., 2014).

A **globalização**, estreitamente atrelada ao capitalismo, trouxe múltiplas vantagens como a redução dos custos dos meios de comunicação e de transporte. No entanto, diversas desvantagens surgiram, como possibilidade de maior velocidade e amplitude de transmissão de doenças, fato inegável após a pandemia de coronavírus iniciada na China e, em poucos meses, estendida a todo mundo (Mas-Coma et al., 2020). Da mesma forma, a poluição, o desmatamento e a extinção das espécies iniciadas em um local, por mais restrito que seja, se expande e tem impactos globalizados (Mas-Coma et al., 2020). As crises decorrentes da pandemia por Covid-19 ressaltaram a vulnerabilidade das cadeias de produção mundializadas, da estabilidade do sistema bancário mundial e das condições de saúde das populações em vista da dependência de importações para adquirir produtos essenciais (Moreau Defarges, 2020). Logo, infere-se que o modelo capitalista, atrelado à globalização, ocasiona uma alta dependência produtiva de serviços e produtos essenciais (Asara et. al, 2013).

Ao vivenciar as atuais crises sanitária – Covid-19 – e econômica – resultante do modo de produção capitalista –, percebe-se que o modelo fundamentado sobre o crescimento propicia o aumento da quantidade de doenças e de impactos negativos sobre o equilíbrio do ecossistema (Murshed, 2020). A pandemia ressalta o estado precário do sistema hospitalar, reforçando as desigualdades sociais em relação ao acesso aos direitos fundamentais (Horton, 2020).

O sistema econômico vigente é organizado sobre o ideal de crescimento, logo, caso não haja um crescimento constante ou caso haja recessão, o sistema entrará em colapso resultando no crescimento do desemprego e empobrecimento da população (Murshed, 2020). Portanto, “voltar à normalidade” equivaleria a reforçar perspectivas competitivas de produção ao invés de haver uma reconversão massiva da indústria no intuito de suprir as necessidades da sociedade. Ou seja, frente às atuais crises, o *status quo* do capitalismo tem se mostrado vulnerável. Foram postas em evidência diversas fragilidades do seu funcionamento, como a exploração da natureza e dos indivíduos **(Nelson, 2020)**,

**cabendo a avaliação de alternativas que tragam menos externalidades negativas.**

### **3.2 Desenvolvimento sustentável: inovação ou paradoxo?**

O desenvolvimento sustentável é o desenvolvimento apto a suprir as necessidades atuais, sem comprometer a capacidade de gerações futuras, evitando, deste modo, o esgotamento dos recursos. O cenário de desenvolvimento sustentável busca um equilíbrio entre o desenvolvimento econômico e a conservação ambiental (ONU, 2015). O oitavo Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS 8), definido na Agenda 2030, consiste em promover o crescimento econômico sustentado, ou seja, o crescimento econômico sendo um dos fatores essenciais ao desenvolvimento sustentável (Veiga, 2017).

O crescimento mostra-se onipresente neste cenário. Um dos indicadores utilizados no modelo de desenvolvimento sustentável é o PIB verde, o qual corrige o PIB em função dos impactos ambientais, tais quais a poluição do ar e o consumo de recursos naturais (ONU, 2020). Ademais, o modelo foca, principalmente, na adaptação de tecnologias e técnicas no propósito de perpetuar o modo de vida e de manter as sociedades organizadas com base no objetivo de crescimento (Veiga, 2017). Outrossim, o desenvolvimento sustentável acredita que a ciência poderá substituir a natureza por recursos tecnológicos e investe consideravelmente nas energias verdes, contudo, a produção destas energias renováveis utiliza, maioritariamente, energia fóssil (Choi & Patten, 2001).

Tendo em vista o crescimento demográfico, o aumento da utilização de recursos, a redução do tempo de regeneração destes e os impactos irreversíveis causados sobre o ecossistema e a biodiversidade, observa-se que o desenvolvimento sustentável é objeto de controvérsia por almejar prover às gerações futuras recursos suficientes para manter um modo de vida fundado sobre a ideia de crescimento (Heinberg, 2011). De acordo com Prieur (2020), a humanidade deve ter humildade ao perceber sua vulnerabilidade frente à dependência de disponibilidade de tecnologias e de criação de soluções tecnológicas, as quais, exigem enormes quantidades de recursos naturais – energia e materiais.

Observa-se que a economia mundial atinge, atualmente, os maiores níveis de produção registrados, contudo, o modelo de crescimento – base do sistema capitalista – falha ao tratar de saúde pública e preservação ambiental: milhões de pessoas estão desnutridas, milhões de crianças morrem por causa evitáveis a cada ano, a emissão de

gases de efeito estufa aumenta a cada ano, o ecossistema e a biodiversidade sofrem impactos irreversíveis e nota-se uma mudança climática antropogênica (O'Neill et al., 2017).

Percebe-se, portanto, que enquanto a sociedade estiver fundada sobre um sistema econômico que visa e depende do crescimento – sendo ele o capitalismo ou o desenvolvimento sustentável – a utilização de tecnologias no intuito de solucionar os problemas sociais, climáticos e recuperar biodiversidades é, obviamente, insuficiente (Choi & Patten, 2001). A recessão forçada por uma pandemia procedente de uma crise ecológica fomentada pelo modelo econômico atual, mostra que as sociedades precisam se reorganizar de forma resiliente, quebrando o paradigma de crescimento, para que o futuro não seja devastador para a humanidade (Sarkis, 2020).

### 3.3 Decrescimento

Uma proposta de modelo político relativamente recente (década de 1970) é o decrescimento, que propõe modificar a sociedade dando-lhe mais autonomia e fazendo-a abandonar um estilo de vida que é sustentado pelo abuso dos recursos naturais (Meadows et al., 1972). O decrescimento possui diversas abordagens - ecológica, econômica, social, política, ética e tecnológica - alternativas ao crescimento incessante que tem a simples justificativa de crescimento infinito para o consumo infinito (Latouche, 2010). De acordo com Latouche (2010), o modelo visa modificar as estruturas econômicas da sociedade capitalista, tanto na produção como no consumo, além de despertar uma consciência de necessidade de mudanças culturais e sociais para frear as consequências dos desgastes do planeta. Tendo em conta que a mudança de hábitos dos indivíduos é a chave do funcionamento do decrescimento, percebe-se que a integração do modelo de decrescimento na sociedade depende da implementação de suas medidas no cotidiano de cada cidadão (Rabhi, 2010).

O modelo infere que, em um contexto de recursos naturais limitados, o modelo de crescimento contínuo não poderia manter-se, pois tem uma natureza instável podendo, portanto, criar um ciclo vicioso de recessão (Murshed, 2020). Latouche (2010) tem uma perspectiva evolucionista do capitalismo e argumenta que o decrescimento é a evolução natural do sistema capitalista. Sabe-se que a solução não é mais o crescimento, pois o modelo capitalista se mostra insustentável. A sociedade de crescimento não é mais

desejável, por gerar um aumento das desigualdades e por criar um bem-estar ilusório – focado nos bens e serviços consumidos (Asara et al., 2013; Kallis, 2011).

O modelo visa então mudar os hábitos de uma sociedade consumista que cobiça o crescimento com a simples justificativa de crescimento infinito para o consumo infinito (Kopnina et al., 2018). É estabelecido na economia neoliberalista que eficácia, desempenho, excelência entre outros geram uma diminuição do consumo de recursos naturais. Contudo, mesmo gastando menos recursos naturais no processo de produção de uma unidade fabricada, a quantidade total de unidades é sempre maior. Logo, a quantidade de recursos naturais utilizados é maior. Em outras palavras, eficiência, bom desempenho, excelência, etc., permitem produzir mais com menos recursos, mas não utilizar menos recursos em geral (Georgescu-Roegen & Bonaiuti, 2013). Em alternativa, o decrescimento visa a diminuir o ritmo do ciclo de extração de recursos, de produção de consumo e de dejetos.

É também de grande valia diferenciar os conceitos de desenvolvimento sustentável e de decrescimento já que estes tendem a ser associados, mas são distintos. O desenvolvimento sustentável procura conciliar o crescimento econômico e o respeito pelo meio ambiente, enquanto o decrescimento considera que o crescimento econômico é um dos principais fatores que traz danos ao meio ambiente (Bairoch & Kazul-Wright, 1998). As bases ideológicas dos dois modelos de mostram, então, excludentes. De acordo com Latouche (2003), o desenvolvimento sustentável visa a diminuir o impacto ecológico reduzindo progressivamente a quantidade de recursos naturais extraídos até atingir um nível compatível com a capacidade do planeta. Entretanto, o aumento sistemático de unidades de mercadorias produzidas torna ineficaz o avanço da eficiência ecológica. Diferentemente do desenvolvimento sustentável (Choi & Patten, 2001), o decrescimento não acredita que a ciência poderá substituir ilimitadamente a natureza por recursos tecnológicos (Latouche, 2003).

Levando em consideração que o decrescimento tem uma definição ampla e teórica, é de grande valia observar suas ações na prática. Latouche (2010) expõe que a base do funcionamento do decrescimento são os oito R: reavaliar, reconceituar, reestruturar, redistribuir, reutilizar, relocalizar, reduzir a pegada ecológica e reciclar. Os 8 R são

interdependentes e formam um círculo virtuoso da construção da sociedade de decrescimento. Quais são: **reavaliar** os valores sobre os quais a sociedade é organizada; **reconceituar** os indicadores (econômicos, de desenvolvimento, etc.); **reestruturar** a sociedade sobre outros valores que não sejam o ideal crescimento; **redistribuir** as riquezas, os empregos e as ajudas fornecidas por entidades públicas e privadas; **reutilizar** a agricultura familiar, a produção em pequena escala e objetos não recicláveis; **relocalizar** as forças produtivas, diminuindo os deslocamentos poluentes; **reduzir** a pegada ecológica, os investimentos consumeristas e energívoros, o tempo e a taxa de natalidade; e, **reciclar** tornando efetiva a reciclagem e consumindo ao produtos recicláveis e reciclados (Latouche, 2010).

O decrescimento visa ser equitativo, portanto, segundo Latouche (2010), existe uma diferenciação na abordagem do modelo no Norte – países desenvolvidos – e no Sul – países em desenvolvimento. Os países do Norte têm grande responsabilidade sobre a utilização exacerbada dos recursos naturais dos países do Sul e, segundo Latouche (2010), é necessário interromper a exploração feita pelo Norte sobre o Sul. No Norte, o objetivo principal é aplicar o decrescimento. No que concerne os países do Sul, o decrescimento não pode ver sua aplicação imediata, pois não se pode decrescer, se não houve um crescimento anterior (Latouche, 2010).

Para o Sul, a redução da produção deve ser abordada com cuidado, para não retirar dos indivíduos que têm apenas as suas necessidades básicas – alimentação e saúde – supridas. É sugerido que o Sul estabeleça a desaceleração do seu crescimento ao invés de continuar crescendo ou de decrescer tanto quanto o Norte (Latouche, 2010). Os 8 R do decrescimento divergem em parte nas suas aplicações do Norte para o Sul. Latouche (2010) explica que para inserir o decrescimento no Sul, este deveria **romper** com o Norte e com os sistemas econômicos incorporados especificamente nos países do Sul; **recuperar** a autonomia alimentar perdida com a chegada do capitalismo e do crescimento econômico; **reintroduzir** a agricultura camponesa; **reconectar** com a cultura, os valores, as técnicas e os conhecimentos tradicionais de produção inerentes dos países do Sul; **reencontrar** um baixo nível de pegada ecológica. Ao reestruturar os sistemas agrícolas e alimentares, é possível enfrentar as crises sanitárias e ecológicas, embasando-se em redes de distribuição locais (Asara et al., 2013).

As principais críticas feitas ao decrescimento são que o modelo depende da

mudança de hábitos, ou seja, depende dos seres humanos, vai contra o capitalismo e é um modelo utópico (Khmara & Kronenberg, 2018). Os valores, costumes e hábitos refletem a organização social de uma dada sociedade. Porém, os valores atuais estimulados pela sociedade reforçam o sistema capitalista e dificultam a inserção do modelo de decrescimento (Filipo, 2005). A sociedade de consumo que pertence à cultura capitalista almeja o consumo infinito, pois este gera a produção infinita e, deste modo, faz crescer a economia (van den Bergh & Kallis, 2012; van Griethuysen, 2010). Devido a tais motivos, o modelo de decrescimento era considerado utópico, entretanto, após a recessão causada pela pandemia, o modelo passa ser, inegavelmente, executável.

Segundo Latouche (2010), o decrescimento é um pós-desenvolvimento, ou seja, uma evolução natural do crescimento econômico. Caso o decrescimento seja integrado de forma voluntária e preventiva a humanidade estará mais competente para lidar com possíveis futuras recessões inevitáveis (van den Bergh & Kallis, 2012). Em resposta às disfunções, de autonomia territorial e de segurança sanitária, evidenciadas ao longo da pandemia por Covid-19, requer-se que a comunidade internacional elabore um plano de ruptura com a desordem produtivista, no intuito de responder de maneira democrática às emergências sociais e às imperatividades ecológicas (Leach et al., 2020). O contexto atual de recessão forçada é uma oportunidade para uma transição de modelo de desenvolvimento da sociedade visando amenizar as crises sanitária, econômica e social além de evitar possíveis impactos irremediáveis (Nelson, 2020).

#### **4. Análise dos cenários de pós-desenvolvimento**

Diante do contexto de crises decorrentes da pandemia por Covid-19, faz-se imprescindível estudar alternativas para o sistema atual, posto que este é predominantemente responsável pelo aumento de epidemias (Allen et al., 2017; Leach et al., 2020). O crescimento econômico atual não é compatível com as limitações de recursos naturais e, muito menos, com o desequilíbrio do ecossistema o qual ameaça a espécie humana (Kopnina et al., 2018). No intuito de repensar um sistema menos vulnerável às crises, uma abordagem transdisciplinar é primordial (Prieur, 2020). **Em direção oposta à competitividade, a cooperação e solidariedade internacional são fatores cruciais para pôr em prática uma estratégia comum face às crises, reduzindo a quantidade de recursos naturais extraídos** (Allen et al., 2017) e relocando o sistema produtivo para suprir as necessidades básicas de forma autônoma (Defarges, 2020).

No atual modelo capitalista, constata-se que até os países que possuem recursos suficientes para custear a saúde pública e necessidades básicas durante crises falham, causando dano ao modo de vida contemporâneo e sacrificando vidas – majoritariamente, dos menos privilegiados, os quais não têm acesso à saúde privada (Kallis et al., 2020; Rodríguez-Labajos et al., 2019). Portanto, a escolha de retomar todas as atividades ao patamar anterior ao da pandemia por Covid-19 equivaleria a manter um sistema produtivista neoliberal, amplificando os impactos negativos sobre o ecossistema e, logo, sobre a humanidade (Nelson, 2020). A humanidade está frente a duas possibilidades: manter as estruturas econômicas vigentes ou bifurcar em direção de uma estrutura fundada nos imperativos ecológicos e no suprimento das necessidades coletivas (Murshed, 2020).

Ante à crise sanitária de 2020, a sociedade pôde vivenciar uma mudança de hábitos imposta que ocasionou uma desaceleração da produção ao ponto de esta decrescer temporariamente, reduzindo a poluição de maneira inédita (Giallonardo et al., 2020). Esta experiência mostra que uma transição organizada e racional para uma economia verde pode ser uma alternativa real a possíveis colapsos involuntários nas esferas social, econômica e ecológica (Echegaray, 2020).

No propósito introduzir um pós-desenvolvimento na sociedade, o **bem-estar deve ser posto ao centro do sistema econômico. Por um lado, aumentando os investimentos em saúde, agricultura ecológica, energias renováveis e educação e, por outro lado, reduzindo os investimentos nos setores militares, de produção de energia fóssil e de publicidade (Leach et al., 2020). Por fim, requer-se fundamentar os sistemas econômico e político sobre o princípio da solidariedade, o que vai de encontro com a competitividade essencial ao modelo capitalista (Murshed, 2020).**

**Levando em consideração os cenários de crescimento (capitalismo), de desenvolvimento sustentável e de decrescimento, observa-se que o último pode responder de forma mais resiliente às crises social, ecológica e econômica. Este propõe** rever a interação humana com o ecossistema, reorientando o sistema produtivo **de forma coerente com as necessidades básicas da sociedade e com as limitações do ecossistema** (Sarkis, 2020). O modelo de decrescimento pretende tornar as sociedades mais autônomas – principalmente em relação a bens e serviços essenciais – por meio da realocação das indústrias, dos investimentos, das pesquisas e das

tecnologias (Asara et. al, 2013). O decrescimento propõe utilizar a tecnologia disponível no objetivo de mitigar os impactos negativos sobre o planeta de forma imediata, ao invés de manter uma promessa de progresso tecnológico como solução futura para os danos ambientais originados pelo modo de vida contemporâneo (Prieur, 2020).

Torna-se improrrogável repensar os modos de consumo e de produção, no objetivo de encorajar os países a alcançarem uma autossuficiência alimentar e de produtos essenciais, como medicamentos (Latouche, 2020), por exemplo. Neste intuito, a realocação mostra-se uma medida unânime entre numerosos intelectuais e políticos, além de ser de grande eficiência frente ao desabamento do atual modelo fundado sobre o crescimento econômico e o livre comércio globalizado (Mester et al., 2020).

Uma das consequências mundializadas da crise sanitária, o crescimento do teletrabalho – apenas executável por meio das tecnologias da comunicação –, é, também, uma oportunidade de transição para o modelo de decrescimento, por reduzir drasticamente os níveis de poluição, o consumo de energia fóssil, o tempo desperdiçado na locomoção e os custos de transporte (Prieur, 2020). Entende-se, portanto que, além de ser uma alternativa de pós-desenvolvimento, o decrescimento é uma oportunidade de tornar o sistema mais resiliente a recessões.

## **5. Conclusão**

No intuito de estimular uma reflexão sobre alternativas de pós-desenvolvimento frente ao contexto mundial vivenciado na pandemia por Covid-19, este artigo expôs a origem da Covid-19, assim como as crises – sanitária, econômica, política, social e ecológica – resultantes da pandemia por Covid-19. A posteriori, foi evidenciada a necessidade de perceber tais crises sob uma ótica de oportunidade para uma transição em direção de um pós-desenvolvimento. Com base nos conhecimentos e nas experiências oriundas de crises passadas e, inclusive, da crise gerada pela pandemia por Covid-19, observa-se que é imperativo desafiar o *status quo*.

Foram apresentados três cenários de pós-desenvolvimento: o capitalismo, o desenvolvimento sustentável e o decrescimento. O modelo capitalista está fundamentado sobre o ideal de crescimento, competitividade e priorização do sistema financeiro em detrimento do bem-estar social. Este sistema vigente é estreitamente responsável pelo

aumento das desigualdades sociais, dos impactos negativos causados à saúde coletiva, do esgotamento dos recursos naturais, da extinção de milhões de espécies, da poluição das águas e da atmosfera, além de promover mudanças climáticas irreversíveis e o desequilíbrio do ecossistema terrestre.

O modelo de desenvolvimento sustentável demonstrou ser uma promessa inexecutável de coesão entre o aumento do crescimento econômico e a restrição de recursos naturais delimitada pelo ecossistema. Desta forma, fundamentado no ideal de crescimento, o desenvolvimento sustentável busca amenizar os impactos consequentes do sistema capitalista. Seguidamente, é exposto o modelo de decrescimento fundamentado em contraposição ao crescimento incessante e que busca dar mais autonomia à sociedade e modificar modos de vida sustentados pelo abuso dos recursos naturais. Para atingir um sistema que priorize a cooperação e a solidariedade nacional, o decrescimento propõe um conjunto de ações divergentes entre os países do hemisfério Norte (8 Rs) e os países do hemisfério Sul (5 Rs).

Por fim, o presente artigo analisa os cenários de pós-desenvolvimento, levando em consideração os imperativos ecológicos, as limitações dos recursos naturais, as crises decorrentes da pandemia por Covid-19 e a deficiência do sistema vigente ao suprir as necessidades básicas coletivas. Ao analisar os possíveis cenários, conclui-se que, face aos imperativos ecológicos e à deficiência do sistema atual para suprir necessidades básicas coletivas, constata-se que o modelo de decrescimento pode ser uma alternativa de pós-desenvolvimento mais resiliente às crises social, sanitária, econômica e ecológica.

Apesar do esforço em suscitar reflexões coerentes quanto a cenário pós-Covid-19 e a preocupação em buscar literatura atual sobre os assuntos abordados, o artigo apresenta algumas limitações. A delimitação exclusivamente de três cenários de pós-desenvolvimento, a carência de literatura relacionada ao contexto atual e suas consequências, bem como a escassez de estudos com alternativas de pós-desenvolvimento. Por fim, no intuito de estimular os debates acerca das alternativas de pós-desenvolvimento da humanidade, sugere-se com agenda de pesquisa para estabelecer uma transição voluntária e organizada para um modelo de decrescimento.

## Referências

ALLEN, T., MURRAY, K. A., ZAMBRANA-TORRELIO, C., MORSE, S. S., RONDININI, C., di MARCO, M., BREIT, N., OLIVAL, K. J., & DASZAK, P. (2017). Global hotspots and correlates

of emerging zoonotic diseases. *Nature Communications*, 8(1), 1124.  
<https://doi.org/10.1038/s41467-017-00923-8>

ARTUS, P., & VIRARD, M.-P. (2015). *Croissance zéro: comment éviter le chaos?* (Fayard (ed.)).

ASARA, V., PROFUMI, E., & KALLIS, G. (2013). Degrowth, Democracy and Autonomy. *Environmental Values*, 22(2), 217–239.  
<https://doi.org/10.3197/096327113X13581561725239>

BAIROCH, P., & KOZUL-WRIGHT, R. (1998). Globalization Myths: Some Historical Reflections on Integration, Industrialization and Growth in the World Economy. In *Transnational Corporations and the Global Economy* (pp. 37–68).  
[https://doi.org/10.1007/978-1-349-26523-7\\_2](https://doi.org/10.1007/978-1-349-26523-7_2)

BAUDRILLARD, J. (1986). *La société de consommation*. (Gallimard (ed.)).

BBC. (2020). Coronavirus: who advises to wear masks in public areas. Recuperado em 24 agosto, 2020, de <https://www.bbc.com/news/health-52945210>.

BENNETT, N., & LEMOINE, G. J. (2014). What a difference a word makes: Understanding threats to performance in a VUCA world. *Business Horizons*, 57(3), 311–317.  
<https://doi.org/10.1016/j.bushor.2014.01.001>

BLIT, J. (2020). Automation and reallocation: The lasting legacy of COVID-19 in Canada. *Working Paper Series, University of Waterloo, Canadian Labour Economics Forum (CLEF)*, 31.

Bloomberg Opinion. (2020). Trump is still in denial about the virus. Recuperado em 23 agosto, 2020, de <https://www.bloomberg.com/opinion/articles/2020-09-22/donald-trump-is-still-in-denial-about-the-virus>.

CARRANZA, E., FAROLE, T., GENTILINI, U., MORGANDI, M., PACKARD, T., SANTOS, I., & WEBER, M. (2020). *Managing the Employment Impacts of the COVID-19 Crisis*. World Bank. <https://doi.org/10.1596/34263>

CHOI, J. S., & PATTEN, B. C. (2001). Sustainable Development: Lessons from the Paradox of Enrichment. *Ecosystem Health*, 7(3), 163–177. <https://doi.org/10.1046/j.1526-0992.2001.01024.x>

COMISSÃO EUROPEIA. (2019). A european green deal. Recuperado em 25 agosto, 2020, de [https://ec.europa.eu/info/strategy/priorities-2019-2024/european-green-deal\\_en](https://ec.europa.eu/info/strategy/priorities-2019-2024/european-green-deal_en).

da VEIGA, J. E. (2017). The first antropocene utopia. *Ambiente & Sociedade*, 20(2), 227–246. <https://doi.org/10.1590/1809-4422asocex002v2022017>

DEFARGES, P. M. (2020). Après le COVID-19 : une terre démondialisée ? *Politique Étrangère, Automn*(3), 47. <https://doi.org/10.3917/pe.203.0047>

del RIO-CHANONA, R. M., MEALY, P., PICHLER, A., LAFOND, F., & FARMER, J. D. (2020). Supply and demand shocks in the COVID-19 pandemic: an industry and occupation

- perspective. *Oxford Review of Economic Policy*, 36(Supplement\_1), S94–S137. <https://doi.org/10.1093/oxrep/graa033>
- DOUTHWAITE, R. (2012). Degrowth and the supply of money in an energy-scarce world. *Ecological Economics*, 84, 187–193. <https://doi.org/10.1016/j.ecolecon.2011.03.020>
- ECHEGARAY, F. (2020). Anticipating the post-COVID-19 world: Implications for sustainable lifestyles. Available at SSRN 3637035.
- EUROPEAN PARLIAMENT. (2020). EU climate law: MEPs want to increase emission reductions target to 60% by 2030. Recuperado em 25 agosto, 2020, de <https://www.europarl.europa.eu/news/en/press-room/20200907IPR86512/eu-climate-law-meps-want-to-increase-emission-reductions-target-to-60-by-2030>.
- FLIPO, F. (2005). La décroissance : une utopie au présent. *Mouvements*, 41(4), 36. <https://doi.org/10.3917/mouv.041.0036>
- GATES, Bill. (2020). The next outbreak? We're not ready. Recuperado em 16 abril, 2020, de [https://www.youtube.com/watch?v=6Af6b\\_wyiwl](https://www.youtube.com/watch?v=6Af6b_wyiwl).
- GEORGESCU-ROEGEN, N., & BONAIUTI, M. (2013). *Bioeconomia: verso un'altra economia ecologicamente e socialmente sostenibile*. Bollati Boringhieri.
- GIALONARDO, V., SAMPOGNA, G., VECCHIO, V. DEL, LUCIANO, M., ALBERT, U., CARMASSI, C., CARRÀ, G., CIRULLI, F., DELL'OSSO, B., NANNI, M. G., POMPILI, M., SANI, G., TORTORELLA, A., VOLPE, U., & FIORILLO, A. (2020). The Impact of Quarantine and Physical Distancing Following COVID-19 on Mental Health: Study Protocol of a MULTICENTRIC ITALIAN POPULATION TRIAL. *Frontiers in Psychiatry*, 11. <https://doi.org/10.3389/fpsy.2020.00533>
- GIRAUD, G., & KAHRAMAN, Z. (2014). How Dependent is Growth from Primary Energy? The Dependency ratio of Energy in 33 Countries (1970-2011). *HAL, halshs-01151590*.
- GLOBAL TRENDS 2025: a transformed world. (2008). Recuperado em 14 maio de 2020, de [https://www.files.ethz.ch/isn/94769/2008\\_11\\_Global\\_Trends\\_2025.pdf](https://www.files.ethz.ch/isn/94769/2008_11_Global_Trends_2025.pdf).
- GUERRA, A., DE OLIVEIRA ROQUE, F., GARCIA, L. C., OCHOA-QUINTERO, J. M., DE OLIVEIRA, P. T. S., GUARIENTO, R. D., & ROSA, I. M. D. (2020). Drivers and projections of vegetation loss in the Pantanal and surrounding ecosystems. *Land Use Policy*, 91, 104388. <https://doi.org/10.1016/j.landusepol.2019.104388>
- HEINBERG, R. (2011). *The end of growth: adapting to our new economic reality*. (Broché).
- HIGGINS-DESBIOLLES, F. (2020). Socialising tourism for social and ecological justice after COVID-19. *Tourism Geographies*, 22(3), 610–623. <https://doi.org/10.1080/14616688.2020.1757748>
- HORTON, R. (2020). Offline: COVID-19 is not a pandemic. *The Lancet*, 396(10255), 874. [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(20\)32000-6](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(20)32000-6)
- INPE. Dados abertos. Recuperado em 10 agosto, 2020, de

[http://www.inpe.br/dados\\_abertos/](http://www.inpe.br/dados_abertos/).

INSEE. (2020). Statistiques et études. Recuperado em 20 agosto, 2020, de <https://www.insee.fr/fr/statistiques?taille=50&debut=0&collection=5>

INTERNATIONAL INSTITUTE FOR SUSTAINABLE DEVELOPMENT. (2020). The EU green deal at the heart of Europe's recovery post-covid-19. Recuperado em 17 junho, 2020, de <https://www.iisd.org/sustainable-recovery/news/the-eu-green-deal-at-the-heart-of-europes-recovery-post-covid19/>.

JONES, K. E., PATEL, N. G., LEVY, M. A., STOREYGARD, A., BALK, D., GITTLEMAN, J. L., & DASZAK, P. (2008). Global trends in emerging infectious diseases. *Nature*, 451(7181), 990–993. <https://doi.org/10.1038/nature06536>

KALLIS, G. (2011). In defence of degrowth. *Ecological Economics*, 70(5), 873–880. <https://doi.org/10.1016/j.ecolecon.2010.12.007>

KALLIS, G., PAULSON, S., D'ALISA, G., & DEMARIA, F. (2020). *The case for degrowth*. John Wiley & Sons.

KHMARA, Y., & KRONENBERG, J. (2018). Degrowth in business: An oxymoron or a viable business model for sustainability? *Journal of Cleaner Production*, 177, 721–731. <https://doi.org/https://doi.org/10.1016/j.jclepro.2017.12.182>

KIBUUKA, B. G. L. (2020). Complicity and Synergy Between Bolsonaro and Brazilian Evangelicals in COVID-19 Times: Adherence to Scientific Negationism for Political-Religious Reasons. *International Journal of Latin American Religions*. <https://doi.org/10.1007/s41603-020-00124-0>

KLEMEŠ, J. J., FAN, Y. VAN, TAN, R. R., & JIANG, P. (2020). Minimising the present and future plastic waste, energy and environmental footprints related to COVID-19. *Renewable and Sustainable Energy Reviews*, 127, 109883. <https://doi.org/10.1016/j.rser.2020.109883>

KOPNINA, H., & WASHINGTON, H. (2018). The insanity of endless growth. *Ecological Citizen*, 2.

LARSON, H. J. (2018). The biggest pandemic risk? Viral misinformation. *Nature*, 562(7727), 309–309. <https://doi.org/10.1038/d41586-018-07034-4>

LATOUCHE, S. (2010). Degrowth. *Journal of Cleaner Production*, 18(6), 519–522. <https://doi.org/https://doi.org/10.1016/j.jclepro.2010.02.003>

LATOUCHE, S. (2010). *Le pari de la décroissance*. (Fayard (ed.)).

LATOUCHE, SERGE. (2003). Pour une société de décroissance. *Le Monde diplomatique*. Recuperado em 10 agosto, 2020, de <http://www.monde-diplomatique.fr/2003/11/LATOUCHE/10651>.

LATOUCHE, Serge. (2020). Le coronavirus, nouveau vecteur de la décroissance. Recuperado em 14 março, 2020, de

<https://fr.sputniknews.com/international/202003091043218178-le-coronavirus-nouveau-vecteur-de-la-decroissance/>.

LATOURE, Bruno. (2020). Imaginer les gestes-barrières contre le retour à la production d'avant-crise. *Analyse, Opinion, Critique*. Recuperado em 12 setembro, 2020, de <https://aoc.media/opinion/2020/03/29/imaginer-les-gestes-barrieres-contre-le-retour-a-la-production-davant-crise/>.

LEACH, M., MACGREGOR, H., SCOONES, I., & WILKINSON, A. (2020). Post-pandemic transformations: How and why COVID-19 requires us to rethink development. *World Development*, 105233. <https://doi.org/10.1016/j.worlddev.2020.105233>

LOPES, I. B., VIANA, M. M., & ALFINITO, S. (2020). Redes alimentares alternativas em meio à Covid-19: reflexões sob o aspecto da resiliência. *Gestão e Sociedade*, 14(39), 3750–3758. <https://doi.org/10.21171/ges.v14i39.3265>

MAS-COMA, S., JONES, M. K., & MARTY, A. M. (2020). COVID-19 and globalization. *One Health*, 9, 100132. <https://doi.org/10.1016/j.onehlt.2020.100132>

MAXWELL, D. N., PERL, T. M., & CUTRELL, J. B. (2020). “The Art of War” in the Era of Coronavirus Disease 2019 (COVID-19). *Clinical Infectious Diseases*. <https://doi.org/10.1093/cid/ciaa229>

MEADOWS, D. H., MEADOWS, D. L., RANDERS, J., & BEHRENS, W. W. (1972). The limits to growth. *New York*, 102(1972), 27.

MESTER, ABEL; ZAPPI, SYLVIA. (2020). Effondrement, décroissance, relocalisation... Comment la gauche pense l'après-coronavirus. *Le Monde*. Recuperado em 17 abril, 2020, de [https://www.lemonde.fr/politique/article/2020/04/03/effondrement-decroissance-relocalisation-comment-la-gauche-pense-l-apres-coronavirus\\_6035379\\_823448.html](https://www.lemonde.fr/politique/article/2020/04/03/effondrement-decroissance-relocalisation-comment-la-gauche-pense-l-apres-coronavirus_6035379_823448.html).

MORAND, S., & MURIEL, F. (2016). *Émergence de maladies infectieuses. Risques et enjeux de société*. (Quæ (ed.)).

MURSHED, S. M. (2020). Capitalism and COVID-19: Crisis at the Crossroads. *Peace Economics, Peace Science and Public Policy*, 26(3).

NASA. (2020). NASA Satellite Data Show 30 Percent Drop In Air Pollution Over Northeast U.S. Recuperado em 10 setembro, 2020, de <https://www.nasa.gov/feature/goddard/2020/drop-in-air-pollution-over-northeast>.

NELSON, A. (2020). COVID-19: Capitalist and postcapitalist perspectives. *Human Geography*, 194277862093712. <https://doi.org/10.1177/1942778620937122>

O'NEILL, B. C., OPPENHEIMER, M., WARREN, R., HALLEGATTE, S., KOPP, R. E., PÖRTNER, H. O., SCHOLLES, R., BIRKMAN, J., FODEN, W., LICKER, R., MACH, K. J., MARBAIX, P., MASTRANDREA, M. D., PRICE, J., TAKAHASHI, K., VAN YPERSELE, J.-P., & YOHE, G. (2017). IPCC reasons for concern regarding climate change risks. *Nature Climate Change*, 7(1), 28–37. <https://doi.org/10.1038/nclimate3179>

OBSERVATÓRIO DO CLIMA. (2020). Recuperado em 10 setembro, 2020, de <http://www.observatoriodoclima.eco.br/brasil-contraria-tendencia-global-e-pode-ter-alta-em-emissoes-na-pandemia/>.

OMS. (1985). Constitution de l'OMS. Genebra: Organização mundial da saúde. Recuperado em 10 maio, 2020, de <https://apps.who.int/iris/handle/10665/36852>.

OMS. (2020). Coronavirus disease (COVID-19) situation reports. Recuperado em 19 junho, 2020, de <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/situation-reports>.

ONU. (2015). Agenda 2030: entenda o que é o desenvolvimento sustentável. Recuperado em 20 agosto, 2020, de <https://news.un.org/pt/story/2015/10/1527661-agenda-2030-entenda-o-que-e-o-desenvolvimento-sustentavel>.

ONU. (2020). COVID-19 : l'OMS se porte au secours de systèmes de santé débordés. Recuperado em 19 abril, 2020, de <https://www.un.org/fr/coronavirus-covid-19-fr/covid-19-loms-se-porte-au-secours-de-syst%C3%A8mes-de-sant%C3%A9-d%C3%A9bord%C3%A9s>.

PRATA, J. C., SILVA, A. L. P., WALKER, T. R., DUARTE, A. C., & ROCHA-SANTOS, T. (2020). COVID-19 Pandemic Repercussions on the Use and Management of Plastics. *Environmental Science & Technology*, 54(13), 7760–7765. <https://doi.org/10.1021/acs.est.0c02178>

PRIEUR, J. (2020). Critical warning! Preventing the multidimensional apocalypse on planet Earth. *Ecosystem Services*, 45, 101161. <https://doi.org/10.1016/j.ecoser.2020.101161>

RABHI, P. (2010). La sobriété heureuse. *Actes Sud: Arles, France*, 80.

RODRÍGUEZ-LABAJOS, B., YÁNEZ, I., BOND, P., GREYL, L., MUNGUTI, S., OJO, G. U., & OVERBEEK, W. (2019). Not So Natural an Alliance? Degrowth and Environmental Justice Movements in the Global South. *Ecological Economics*, 157, 175–184. <https://doi.org/10.1016/j.ECOLECON.2018.11.007>

SANDIFER, P. A., SUTTON-GRIER, A. E., & WARD, B. P. (2015). Exploring connections among nature, biodiversity, ecosystem services, and human health and well-being: Opportunities to enhance health and biodiversity conservation. *Ecosystem Services*, 12, 1–15. <https://doi.org/10.1016/j.ecoser.2014.12.007>

SARKIS, J., COHEN, M. J., DEWICK, P., & SCHRÖDER, P. (2020). A brave new world: Lessons from the COVID-19 pandemic for transitioning to sustainable supply and production. *Resources, Conservation and Recycling*, 159, 104894. <https://doi.org/10.1016/j.resconrec.2020.104894>

Schmid, Lucille. (2020). Après le coronavirus, une décroissance durable ? Recuperado em 09 abril, 2020, de <https://www.arte.tv/fr/videos/097118-001-A/lucile-schmid-apres-le-coronavirus-une-decroissance-durable-28-minutes/>.

- SCIENTIFIC AMERICAN. (2020). India Is in Denial about the COVID-19 Crisis. Recuperado em 26 setembro, 2020, de <https://www.scientificamerican.com/article/india-is-in-denial-about-the-covid-19-crisis/>.
- SINGH, J. A. (2020). COVID-19: Science and global health governance under attack. *South African Medical Journal*, 110(6). <https://doi.org/10.7196/SAMJ.2020v110i5.14820>
- SMITH, J. G. (2020). Responding to coronavirus pandemic: human rights movement-building to transform global capitalism. *Interface: A Journal for and about Social Movements*, 1–8. <http://d-scholarship.pitt.edu/39038/>
- THE GUARDIAN. (2020). Trump 'offers large sums' for exclusive us access to coronavirus vaccine. Recuperado em 10 maio, 2020, de [https://www.theguardian.com/us-news/2020/mar/15/trump-offers-large-sums-for-exclusive-access-to-coronavirus-vaccine\\_](https://www.theguardian.com/us-news/2020/mar/15/trump-offers-large-sums-for-exclusive-access-to-coronavirus-vaccine_)
- THINK GLOBAL HEALTH. (2020). How the Origins of COVID-19 Became Politicized. Recuperado em 21 agosto, 2020, de <https://www.thinkglobalhealth.org/article/how-origins-covid-19-became-politicized>.
- Timofeeva, Y., & Budykina, K. (2020). Amazon Wildfires and Mercosur – EU Relations. *Latinskaia Amerika*, 7, 79–88. <https://doi.org/10.31857/S0044748X0009863-8>
- TORREELE, E. (2020). The rush to create a covid-19 vaccine may do more harm than good. *BMJ*, m3209. <https://doi.org/10.1136/bmj.m3209>
- VAN DEN BERGH, J. C. J. M., & KALLIS, G. (2012). Growth, A-Growth or Degrowth to Stay within Planetary Boundaries? *Journal of Economic Issues*, 46(4), 909–920. <https://doi.org/10.2753/JEI0021-3624460404>
- VAN GRIETHUYSEN, P. (2010). Why are we growth-addicted? The hard way towards degrowth in the involutionary western development path. *Journal of Cleaner Production*, 18(6), 590–595. <https://doi.org/10.1016/j.jclepro.2009.07.006>
- WOOD, E. M. (2002). *The Origins of Capitalism: A Longer View*. (Verso (ed.)).
- ZHANG, Z., SHEN, Y., & YU, J. (2020). Combating COVID-19 Together: China's Collaborative Response and the Role of Business Associations. *Nonprofit and Voluntary Sector Quarterly*, <https://doi.org/10.1177/0899764020964591>